

## Um concerto e um autor a serem redescobertos

Pianista Paulo Álvares fala sobre o 'Concerto n.º 4' de Guarnieri, que ele toca com a Osesp, na Sala São Paulo

João Luiz Sampaio  
ESPECIAL PARA O ESTADO

A fonte principal é o manuscrito original. Há também anotações feitas pelo compositor com base em algumas execuções da obra – e a contribuição de um músico e pesquisador que está preparando uma edição da partitura nos EUA. Ouvindo o pianista Paulo Álvares, seria natural supor que a obra à qual ele tem se dedicado nas últimas semanas é alguma

obscura criação de tempos longínquos. Mas não: trata-se do *Concerto n.º 4 para piano e orquestra* de Camargo Guarnieri, obra do fim dos anos 1960 que ele sola a partir desta quinta, 11, na Sala São Paulo, com a Osesp.

“O repertório brasileiro ainda precisa ser melhor centralizado e organizado”, ele diz, após uma manhã de ensaios. “Sem isso, fica difícil ter acesso a peças importantes, que merecem uma atenção maior por parte dos intérpretes.” O caso desse concerto serve de exemplo. “Se levarmos em conta as anotações que o próprio Guarnieri e pianistas podem ter feito durante execuções da obra, é possível imaginar que há muito material espalhado ainda com relação ao

concerto. Seria ótimo poder reunir tudo isso.”

Guarnieri escreveu o *Concerto* em 1968 (e o gravou em 1983). A obra é fundamental dentro da carreira do compositor – não apenas por mostrar a evolução de seu trabalho, mas também, e talvez principalmente, por problematizar o que o senso comum acoplou à sua criação. Símbolo do nacionalismo musical, suas obras foram lidas durante muito tempo à luz da oposição entre nacionalistas e vanguardistas. Aqui, no entanto, ele oferece outros paradigmas. “É uma peça hermética, experimental, na qual ele trabalha com a linguagem serial e com o dodecafonismo, com uma beleza rara e uma maestria técnica que impressio-



O pianista. Maestria no palco

na. Há um domínio claro do métier, evidente por exemplo na heterogeneidade das linguagens que ele usa no concerto. E há também essa aspereza, que talvez tenha a ver com o momento político em que a obra nasceu ou mesmo com o sentimento de isolamento cultural do qual ele se ressente, promovido por uma

vanguarda que o ridicularizava”, diz Álvares.

Radicado na Alemanha, onde é professor da Escola de Música de Colônia (ele também dá aulas em Portugal), Paulo Álvares tem sua trajetória bastante associada à música do século 20 e 21. Trabalhou com nomes como Karlheinz Stockhausen e Mauricio Kagel, entre tantos outros. Conhecer o *Concerto* de Guarnieri, diz, foi uma revelação. E acaba servindo como ponto de partida para uma discussão acerca da criação musical do País.

Questionado sobre maniqueísmos estéticos, ele cita, por exemplo, o interesse de uma aluna que, na Alemanha, dedicou-se a estudar a obra de Claudio Santoro. “Há ainda um preconceito muito grande no modo como entendemos autores como ele, Guarnieri ou mesmo Villa-Lobos. O ambiente musical brasileiro incorporou os comandos de uma certa estética europeia e isso dificulta que nós mesmos

possamos ver nossa música de uma outra maneira, com a força criadora e inovadora que ela teve, sem uma visão colonialista. É claro que é preciso olhar esse passado criticamente, mas a força criativa de um autor como Villa-Lobos, de alguma forma, é desvalorizada aqui dentro. Falta flexibilidade. Um exemplo que acho importante é a releitura que um compositor como Willy Corrêa de Oliveira, sempre muito crítico de Villa-Lobos, fez de seu trabalho nos últimos anos, com uma visão crítica, sim, analítica, mas respeitando a força criativa dele. Isso é importante, essa mudança na relação que se estabeleceu com o nosso passado musical.”

### OSESP E PAULO ÁLVARES

Sala São Paulo. Praça Júlio Prestes, 16. Luz. 3367-9500. Hoje, às 21h. R\$ 42/ R\$ 194 (ensaio aberto, às 10h – R\$ 10).